



FRANCISCO GOMES

A grandeza da vida não se mede nas marcas, nos olhares (supostamente de admiração) dos estranhos, nas viagens e na imagem. Quem sabe a verdadeira felicidade não pode ser encontrada de pijama, em frente a um televisor, no conforto de um lar simples? O mundo animal tem muitas lições para dar aos humanos.

‘Nouveaux Riche’: Uma Comédia Grega em Três Actos

O desenvolvimento da autonomia política e do sistema governativo que lhe seguiu criou muitas oportunidades que possibilitaram o progresso da Madeira. No entanto, as mudanças verificadas ao nível infraestrutural e da qualidade de vida, por exemplo, não foram acompanhadas por uma evolução igualmente significativa ao nível da mentalidade e da postura de certos sectores sociais. Esta realidade está reflectida no aparecimento de um grupo de cidadãos da nossa praça que conscientemente adoptaram um lista infundável de tiques de ‘novo riquismo’ e, motivados por estes, frequentam o Café, passeiam as nossas ruas agarrados aos telemóveis e viajam na prospeccção eterna do ‘negócio’ que nunca chega. A vida destes senhores parece ser – em termos reais e metafóricos – um Teatro, ou, melhor ainda, uma comédia Grega de três actos recheada da mitologia adequada.

Acto Um, ‘Pã’, deus dos bosques, que se apaixonou pela ninfa Syrinx mas nunca a conquistou na realidade por ser muito feio. Impressionam-me estes ‘novos ricos’. Parecem acreditar que a grandeza da sua pessoa não resulta dos seus actos ou postura perante a vida, mas das marcas impressas nas roupas que vestem ou na mobília com que pretendem decorar a sua residência. Alérgicos a qualquer tipo de humildade, vivem na sombra de nomes tornados célebres por outros, de riquezas construídas por outros e de empresas que ninguém percebe na realidade o que fazem. São os tais ‘negócios’ que se aplicam a tudo, sem se aplicar a nada.

Célebre, também, é a prática por estes senhores do ‘observadorismo’, o seu desporto favorito. E em que consiste o ‘observadorismo’? Bem, existem três modalidades diferentes. 1) A modalidade veicular, que consiste em conduzir ‘a bomba’ nas artérias da cidade em busca da ‘admiração’ das pessoas que passam. 2) A modalidade alimentícia, que consiste em frequentar os (mesmos) restaurantes mais caros de modo a ser reconhecido pelos outros como pessoa ‘de papel’. 3) A modalidade interna-cional, que consiste em viajar em primeira classe aos destinos ‘chiques’ e ficar nos ‘resorts’ e hotéis mais ‘in’, mas sem nunca sair dos bares da ‘resort’ ou do hotel porque ‘nunca se sabe’ das ‘malvadezas’ que os ‘nativos’ da terra possam estar a planear... Como se alguém se importasse...

Acto Dois desta comédia Grega, ‘Afrodite’, deusa do amor e da beleza. A imagem de superioridade que os nossos ‘novos ricos’ querem a todo o custo projectar exige a presença ao seu lado de uma tal mulher-fatal. Quer na versão normal, quer na versão bisturi, esta mulher, que é desejada pelos senhores como ‘acessório’ mas não necessariamente amada como ser humano, desempenha a função de aumentar o ‘machismo’ dos seus ‘portadores’ e de os fazer parecer os verdadeiros ‘Don Juan’, na versão Madeira.

Infelizmente, este é o acto da nossa comédia Grega que assume tons mais tristes. Porquê? Porque não é preciso ser especialista em psicologia para imaginar as complexas dinâmicas que aqui podem ser geradas. Deve ser profundamente triste para estas senhoras verem a sua faceta humana lhes retirada pela missão que lhes é incumbida de viverem em função dos seus possuidores. Talvez seja como andar sempre sem sorrir e com uma nuvenzinha por cima da cabeça... Talvez seja como apenas ter a companhia de ‘amigas’ desocupadas que nada conseguem na vida, mas sentem-se no direito de dar conselhos sobre como viver a vida... Talvez

seja como folhear revistas como a ‘Hola!’ em busca de pequenos rabisco de afecto já inexistentes... Mas talvez tudo isto possa ser compensado pelas últimas criações da ‘Ana de Sousa’ ou do ‘Luís Onofre’, devidamente envolvidas num aroma Londrino de ‘Prada Night’... Ou talvez não... Na escola da vida, as lições e mágoas aprendidas nestas situações pelas ‘damas de companhia’ davam um doutoramento em oportunismo, com respectiva especialidade em manipulação. Mas nem este diploma, que nunca chegará, pode substituir o vácuo de um amor sentido mas desaparecido...

E assim chagamos ao Terceiro (e último) Acto da nossa comédia Grega, denominado ‘Nemesis’, deus da vingança divina que vinga aqueles que foram enganados. Existem dois aspectos muito interessantes na vida. Um é a dor, que é um risco inevitável em tudo o que fazemos. Por muito queiramos, não lhe podemos escapar. O outro é a certeza de que as forças que regem o nosso mundo garantem sempre que, no fim, tudo se equilibra.

Sou um amante do reggae e lembro Bob Marley: ‘Não queiras ganhar o mundo perdendo a tua alma. O amor é mais importante que prata e ouro’. Outra frase de Marley parece-me adequada: ‘Abre os olhos e olha para dentro. Estás mesmo satisfeito com a vida que vives?’ Quando tudo está feito, Nemesis aparece sempre, quer seja como memória ou como consciência. A sua mera presença relembra Pã e Afrodite que existem realidades que, uma vez vividas, não mais podem ser ignoradas. Claro que podem ser apagadas – como quem apaga graffiti de um chão – mas as raízes que se criaram – fundas, fortes e puras – permanecerão.

Então, que podemos concluir dos nossos ‘novo riquistas’ de três actos? Para ‘Pã’, a conclusão é que as verdadeiras riquezas da vida são todas aquelas coisas simples que nada têm a ver com o tamanho dos bolsos. As verdadeiras riquezas ficam tatuadas nas costas, na alma e no coração. As demais, escorregam por entre os dedos como a areia das praias do Porto Santo numa noite louca de banhos tardios. Para ‘Afrodite’, a conclusão é que é preciso coragem para ultrapassar o que é aparentemente seguro. Pois não existe segurança real naquilo que já não tem sentido. Apenas na mudança há vida e poder. Para ‘Nemesis’, a conclusão é que tudo tem uma razão de ser e o inevitável ‘amanhã’ sempre traz raios de Sol que brilham de forma mais forte e mais sincera.

Por isso, ‘nouveaux riche’, há que viver mais o mundo de dentro. A grandeza da vida não se mede nas marcas, nos olhares (supostamente de admiração) dos estranhos, nas viagens e na imagem. Quem sabe a verdadeira felicidade não pode ser encontrada de pijama, em frente a um televisor, no conforto de um lar simples? O mundo animal tem muitas lições para dar aos humanos. A mim sempre me fascinaram os Apinguins (risos...) pelo espírito protector que têm uns com os outros. Durante os períodos de gestação, o pinguin macho coloca a sua asa por cima da fêmea, como se fosse um porto de abrigo. É esta afinidade simples mas sincera que permite a continuidade da vida. Quanto aos humanos, sou céptico. Os dados foram lançados e a capacidade nos nossos ‘novos ricos’ de viverem a vida sincera que dizem desejar parece ser mais cena de filme a ver com um pacote de pipocas. ■

franciscogomes@yahoo.com

Como vai o Céu

TOLENTINO MENDONÇA

Este é o Ano Internacional da Astronomia. No crepúsculo do dia 30 de Novembro de 1609, Galileu apontou pela primeira vez um telescópio (por ele próprio construído) em direcção a um objecto não terrestre: por muitas horas, sem saber bem se era um cientista metucioso ou apenas uma criança deslumbrada, observou uma Lua crescente. A sua observação metódica permitiu-lhe descrever aquele corpo celeste de uma forma espantosamente diferente para a sua época. Os conceitos correntes eram ainda, em grande medida, os herdados da Antiguidade. A Lua era explicada como um espelho cósmico que reflectia a terra; ou como esfera de cristal luminosa; ou uma massa de fogo. Outros projectavam nela uma espécie de cópia do ambiente terrestre, com montanhas, mares, grandes planícies. Um requisito religioso dessas concepções era que, ao contrário do nosso planeta, todos os objectos do céu tinham uma natureza divina: só podiam ser, por isso, imutáveis e perfeitos. Outro ponto teológico inalienável era a centralidade da Terra no universo, consequência lógica de toda a criação dever convergir necessariamente para o Homem.

As observações de Galileu vão abrir um longo e duro debate entre Fé e Ciência, transferindo para o Céu um conflito de hermenéuticas. Pena não se ter dado ouvidos, nesse tempo, à sentença prudente do Cardeal Cesar Baronius, que o próprio Galileu parafraseou: «a Bíblia mostra como se vai para o Céu, e não como vai o Céu». Essa mesma frase foi recuperada por João Paulo II, em 1981, o ano em que constituiu a comissão para rever o caso Galileu. É nessa esteira que se criou o clima que permitiu recentemente a D. Gianfranco Ravasi, Presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, declarar: «Galileu foi o primeiro homem que olhou com um telescópio para o céu. Abriu para a humanidade um mundo até então pouco conhecido, ampliando os confins de nosso conhecimento e obrigando a reler o livro da natureza com um novo olhar. A Igreja deseja honrar a figura de Galileu, genial e inovador filho da Igreja». ■

In Ecclesia